



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

PEDRO MACHADO SOARES DA SILVA

“MINHA PELE É LINGUAGEM”: Cena, Educação e Existência Negra no
Departamento de Artes Cênicas da UFPB

JOÃO PESSOA

2024

PEDRO MACHADO SOARES DA SILVA

“MINHA PELE É LINGUAGEM”: Cena, Educação e Existência Negra no
Departamento de Artes Cênicas da UFPB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Teatro, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo Neves de Oliveira

JOÃO PESSOA

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586m Silva, Pedro Machado Soares da.
"Minha pele é linguagem": cena, educação e
existência negra no departamento de Artes Cênicas da
UPPB / Pedro Machado Soares da Silva. - João Pessoa,
2024.
41 f. : il.

Orientação: Victor Hugo Neves de Oliveira.
TCC (Graduação) - UPPB/CCTA.

1. Teatro - TCC. 2. Arte-educação. 3. Artes da cena.
4. Cenas negras. 5. Corpo e arte. 6. Artes cênicas -
UPPB. I. Oliveira, Victor Hugo Neves de. II. Título.

UPPB/CCTA CDU 792(043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No quarto dia do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e quatro, junto ao Departamento de Artes Cênicas, Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, realizou-se em ambiente virtual através de leitura e pareceres emitidos pela banca avaliadora, a defesa do trabalho intitulado “MINHA PELE É LINGUAGEM”: Cena, Educação e Existência Negra no Departamento de Artes Cênicas da UFPB, apresentado pelo estudante Pedro Machado, habilitação Licenciatura em Teatro, e examinado pelas professoras Whander Allípia - Examinadora Externa (UFU); Ana Valéria Ramos Vicente - Examinadora Interna (UFPB) e pelo professor Victor Hugo Neves de Oliveira (Orientador - UFPB).

O referido trabalho foi considerado aprovado.

Nota - 9.1

Na qualidade de presidente dos trabalhos, lavro esta Ata, da qual dou fé e subscrevo.

João Pessoa, 04 de novembro de 2024.

Documento assinado digitalmente
gov.br VICTOR HUGO NEVES DE OLIVEIRA
Data: 04/11/2024 16:50:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Orientador)

Documento assinado digitalmente
gov.br WHANDER ALLÍPIA SULRICO SILVA
Data: 07/11/2024 10:22:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Membro da Banca)

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA VALERIA RAMOS VICENTE
Data: 08/11/2024 09:13:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Membro da Banca)

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho às minhas duas mães, à minha irmã, à minha família de sangue e à família que escolhi.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em princípio, aos membros do grupo focal que me permitiram realizar esta pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, Victor, por sulear as minhas expansivas ideias, por me permitir encontrar o caminho que hoje me orgulho ter trilhado e por ser minha referência de negritude não só neste Departamento, mas na vida.

Agradeço às maravilhosas professoras, Valéria e Whander, que aceitaram a empreitada de me auxiliar com essa pesquisa e ajudaram meus passos a seguirem este caminho poético e científico.

Agradeço aos professores e às professoras da UFPB com os quais pude aprender e pesquisar.

Agradeço à Marcia Chiamulera, uma professora sem a qual não teria chegado até o fim deste curso, também sendo grato pelos perrengues que passamos juntos pela profissão.

Agradeço aos estudantes e às estudantes que me permitiram estar consigo nos meus processos de estágio e Residência Pedagógica.

RESUMO

As Artes da Cena, o Teatro e a Dança, são territórios do fazer corporal. Deste modo, o corpo é o centro dessas linguagens da arte. Nesse sentido, esta pesquisa procura compreender como os corpos negros e as corpos negras dos e das discentes do Departamento de Artes Cênicas (DAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) são violentados dentro de suas experiências cênicas e didáticas. Em vista de alcançar esse entendimento, a pesquisa situa o ambiente físico, social e curricular dos cursos de licenciatura em Teatro e em Dança, além do curso de bacharelado em Teatro, esses sob responsabilidade do DAC/UFPB. Para coletar os dados, a metodologia qualitativa de grupo focal foi desenvolvida, sendo este grupo composto por corpos e corpos identificados e identificadas com a negritude que compõem o corpo discente dos três cursos citados e tendo suas falas instigadas por um roteiro de questões construído para perceber as vivências através de três encruzilhadas: Cena; Educação; Existência. Por sua vez, para interpretar e analisar os dados, Nilma Lino Gomes e Evani Tavares Lima pautam em destaque o referencial teórico do trabalho, a primeira por tratar de pedagogias de ensino da negritude, a segunda por viver e pesquisar as Cenas Negras. Ainda há destaque para a *escrevivência*, técnica de Conceição Evaristo, responsável aqui por conduzir a tradução poética das falas do grupo, em passo de transmitir com maior eficácia o conhecimento singular das trajetórias de cada membro. Logo, a pesquisa demarca a existência e, por conseguinte, a resistência negra no ambiente do DAC/UFPB e projeta as demandas destes corpos e destas corpos que pedem e produzem Cenas e pedagogias Negras.

Palavras-chave: artes da cena; arte-educação; cenas negras; existência negra.

ABSTRACT

The Performing Arts, Theater and Dance are territories of body work. In this way, the body is the center of these art languages. In this sense, this research seeks to understand how black bodies of students from the Department of Performing Arts (DAC) at the Federal University of Paraíba (UFPB) are violated within their performing and teaching experiences. In order to reach this understanding, the research situates the physical, social and curricular environment of the undergraduate courses in Theater and Dance, in addition to the bachelor's degree course in Theater, which are under the responsibility of the DAC/UFPB. To collect the data, the qualitative focus group methodology was developed, this group being composed of bodies and bodies identified and identified with blackness that make up the student body of the three courses mentioned and having their speeches instigated by a script of questions constructed to understand the experiences through three crossroads: Scene; Education; Existence. In turn, to interpret and analyze the data, Nilma Lino Gomes and Evani Tavares Lima highlight the theoretical framework of the work, the first for dealing with pedagogies for teaching blackness, the second for living and researching Black Scenes. There is still emphasis on *escrivência*, a technique used by Conceição Evaristo, responsible here for conducting the poetic translation of the group's speeches, in order to more effectively transmit the unique knowledge of each member's trajectories. Therefore, the research demarcates the existence and, consequently, black resistance in the DAC/UFPB environment and projects the demands of these bodies that ask for and produce Black Scenes and pedagogies.

Key words: performing arts; art education; black scenes; black existence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ambiente interno do Bloco C	23
Figura 2 – Pichação no ambiente interno do Bloco C	26
Figura 3 – Poesia numa parede interna do Bloco C	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	PANTERA NEGRA.....	15
2.1	Evani Tavares Lima.....	17
2.2	Nilma Lino Gomes.....	18
2.3	Encruzilhadas Metodológicas.....	20
3	FALCÃO.....	23
4	TEMPESTADE.....	27
4.1	Primeira Encruzilhada: Educação.....	27
4.2	Segunda Encruzilhada: Cena.....	29
4.3	Terceira Encruzilhada: Existência.....	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS.....	38
	APÊNDICE A - ROTEIRO DO GRUPO FOCAL.....	41

1 INTRODUÇÃO

A pele é o maior órgão do corpo humano¹.

A pele que está transcrita neste Trabalho de Conclusão de Curso é a mais harmoniosa e gingada nota de uma escala musical que se faz em clave de sol e se refaz em noite de luar. Estas linhas conduzem a uma leitura escrita, contada e cantada por peles que outrora cabiam às margens.

Dos rios
Transborda
Meu dizer
Da língua,
Da pele,
Escrever

A pesquisa visa perceber as destruições e reconstruções da negritude dentro de suas vivências cênicas e educacionais nos cursos do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba (DAC/UFPB), tais cursos sendo os de Licenciatura em Teatro, Licenciatura em Dança e Bacharelado em Teatro.

As Artes da Cena transbordam de caminhos e encruzilhadas. Desses e dessas afloram ensinamentos e aprendizados para além de ideias colonizadoras. Eis a influência real da negritude.

Pensar uma trajetória cênica em solo brasileiro, onde a maioria da população se declara negra, segundo o IBGE (2022), sendo 55,5%, entre pessoas pretas e pardas (10,2% e 45,3%, respectivamente), é também um ato de pensar a Cena Negra. No mesmo cenário, pensar a licenciatura é também um ato de pensar a negritude, visto que a Lei 9.394 de 1996, em seu artigo segundo, afirma:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de **liberdade** e nos ideais de **solidariedade** humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o **trabalho** (Brasil, 1996, art 2º, grifo meu).

Surtem, portanto, questões sobre o precário estudo da história e da cultura de povos que tiveram por 388 anos sua liberdade legislativamente negada², foram e são desumanizados

¹ HOSPITAL PORTUGUÊS. **Maior órgão do corpo humano, a pele merece grandes doses de atenção**. Bahia: 10 Dez. 2007. Disponível em: <https://www.hportugues.com.br/2007/12/maior-orgao-do-corpo-humano-a-pele-merece-grandes-doses-de-atenc-ao/>. Acesso em: 13 ago. 2024.

² BRESCIANINI, Carlos Penna. **Há 131 anos, senadores aprovavam o fim da escravidão no Brasil**. Distrito Federal: 13 Mai. 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/13/ha-131-anos-senadores-aprovavam-o-fim-da-escravi>

por uma sociedade racista e que ainda enfrentam, muito por esse histórico e essa situação, dificuldades no mercado de trabalho.

Ainda assim, a existência negra fez-se resistência. Tal ato é visível e sensível aos olhos e as peles que compõem a negritude, de formas únicas a cada um e a cada uma, porém transversais se ambientadas e observadas com pensamentos e referenciais afrocentrados.

Um avô que conta um *causo*³ aos netos e filhos que o rodeiam, remete aos griôs e suas narrativas e ensinamentos, assim como, cenicamente, inspira e concretiza contação de histórias. Um desses netos, por sua vez, pode crescer e entrar, ainda na educação básica, em contato com o teatro, uma vez que a linguagem é prevista na legislação, tendo como uma dessas suas experiências teatrais (com uma professora-artista negra) uma apresentação musical envolta numa música ancestral africana de celebração à colheita, ou ainda interpretar alguns trechos de falas de Nelson Mandela. Os atravessamentos dessas e de outras experiências do dia a dia podem compor um ser pensante que decida ingressar no curso de Licenciatura em Teatro, no campus I da Universidade Federal da Paraíba, instigando-se e também cada vez mais se reconhecendo na negritude, também por, eventualmente transpor-se ao olhar de professores e professoras que lhe tragam representatividade, para além de conteúdos como uma tarde de aula com mestres⁴ de *Cavalo Marinho*⁵.

Estes eventos cruzaram-se, todos e entre outros, na trajetória do professor, artista e pesquisador negro que assina este Trabalho.

Das encruzilhadas

Cruzaram-se

Cenas Negras

Das histórias

Trajetoórias

Com mestrado

E doutorado

[dao-no-brasil#:~:text=Por%20388%20anos%20o%20Brasil,for%C3%A7a%20motriz%20dessas%20atividades%20econ%C3%B4micas.](#) Acesso em: 13 ago. 2024.

³ História curta que pode ou não envolver-se em fatos do passado do contador, ou ainda permear-se de fábulas, porém sempre com aproximação à realidade de quem conta.

⁴ Mestre Pinto, Mestre Pedro e Mestre Bi, do cavalo marinho “Boi Maneiro de Pedras de Fogo”, também integrado por Joelson Pereira da Silva.

⁵ “O Cavalo Marinho é caracterizado como um “brinquedo popular”, que surgiu na região Nordeste do país (...) com um banco de músicos, que tocam e cantam para entrada, saída e apresentação de “figuras”, que são personagens que cantam e dançam diferentes estórias” (Silva, 2020, p. 16).

Em existência.

As Cenas Negras impactam.

Outra encruzilhada entre Cena, educação e luta é o Teatro Experimental do Negro, fundado em 1944 por Abdias do Nascimento⁶, responsável tanto por “Dramas para Negros” (Nascimento, 1961, p.1) quanto por alfabetizar os corpos que pensariam e proliferariam suas Artes, suas Cenas, suas técnicas responsáveis por municiar a luta racial.

As Artes da Cena são “de luta por definição. É resistir para não sumir. É resistir para existir” (Reis, 2021, p. 104). Logo, não seriam cursos cênico-didáticos de graduação espaços culturais e intelectuais de restauração da negritude? Há de se questionar, também, a formação de um professor-artista negro, qual seu sentido, seus caminhos, suas revoltas e ainda suas encruzilhadas, essas responsáveis por fundir em pensamentos e teorias as questões que desembocam neste Trabalho de Conclusão de Curso, além de por si só abarcarem conhecimentos e metodologias de culturas afro, em especial neste recorte, afro-brasileiras.

“A encruzilhada é uma lente através da qual podemos ler a realidade das culturas afro-diaspóricas” (Rocha, 2021, p. 496)⁷.

Há uma busca.
Tentativa de se encontrar
O que se perdeu.
Nas Cenas das Artes
Escurecem-se dramas
Que reconstroem,
Pedra a pedra,
O potente saber
Para quem souber ler
As curvas encontradas
Das encruzilhadas.

A pesquisa, aqui registrada, surgiu através da seguinte pergunta: “como o corpo negro é violentado e representado nos seus processos cênico-didáticos dentro do DAC/UFPB?” Afinal, tomando como exemplo que, segundo os parâmetros estabelecidos por Reimberg

⁶ IPEAFRO. **Seção TEN**. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acoes/acervo-ipeafro/secao-ten/>. Acesso em: 17 ago. 2024.

⁷ ROCHA, Leandro (Napê). Apontamentos sobre a encruzilhada como perspectiva crítica para as artes visuais. **PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**. v. 11, n. 22, mai-ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/24062>. Acesso em: 15 ago. 2024.

(2024), no curso de licenciatura em teatro, no currículo obrigatório, apenas um componente curricular abarcava conteúdos da negritude⁸ (estéticas e proposições artísticas antirracistas), percebe-se oportuno a este cenário uma expansão para a visão da experiência cênico-didática negra de todo o departamento, tornando-se instigante essa pauta a ser tanto pesquisada, quanto declamada.

Ainda vale notar que a premissa para a pergunta da pesquisa se pauta na experiência do pesquisador através dos anos em contato com o DAC, enquanto estudante. Como complemento, esta mesma experiência percebeu que, ao curso de licenciatura em Teatro, há ao menos outro componente curricular que agrega conteúdos da negritude, visto que as vivências, referências e assuntos de “Tradições Brasileiras” referem-se também às sabedorias e manifestações de mestres e mestras do povo negro.

O movimento, por definição, é transformador ao passo que tanto na física, onde desloca um corpo no espaço, quanto na sociologia, onde reivindica direitos, provoca e busca mudança. Para as artes, sendo a Cena por definição um ato, um movimento, uma ação, essa faz com que haja, portanto, um espaço de ocupação e retomada, o qual permite, baseado em Gomes (2020), uma *pedagogia das ausências e das emergências*, uma pedagogia que visa efetivar propostas que atendam áreas que são invisibilizadas/escanteadas pelo sistema educacional.

Ir ao encontro das experiências negras num espaço que outrora lhes era negado propõe entender a importância dos corpos e corpos que habitam, habitaram e habitarão, através do tempo de graduação, completa ou incompleta. Esses e essas são a força motriz da resistência que mantém entreaberta a porta da Academia para seus e suas semelhantes, para as ancestralidades e suas referências didáticas, científicas e poéticas.

Desse modo, a pesquisa se fez através da abordagem qualitativa, sendo destacado um grupo focal composto por estudantes negros e negras do DAC/UFPB, de diferentes períodos de ingresso em seus respectivos cursos, visando perspectivas, aspirações, realizações e decepções em suas experiências artísticas e pedagógicas pelo departamento.

É ouvir
Quem outrora
Foi calado
E responder

⁸ REIMBERG, Thiago. **BECOS PARA NÃO LUGARES: Reflexões poéticas sobre corpos pretos ocupando o Teatro**. 2024. 141 p. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

Ao seu chamado

O caminho escrito aqui proposto, em seus encontros, desencontros e suas encruzilhadas, há de se seguir através de capítulos nomeados por personagens da nona arte, as histórias em quadrinhos, contrapondo a lógica racista de cerceamento do poder negro com populares figuras de poder: super-heróis.

O primeiro capítulo, portanto, situa o embasamento teórico da pesquisa ao passo que remonta a sabedoria ancestral acumulada na figura do *Pantera Negra*⁹ e demarca o território metodológico, seguido pelo capítulo panorâmico do *Falcão*¹⁰, responsável por apresentar o ambiente do DAC/UFPB, suas presenças e potências, desembocando nas sábias ventanias da rainha Ororo, *Tempestade*¹¹, que em suas brisas e trovoadas perceberá, no terceiro capítulo, os resultados e as possíveis respostas para a pergunta que moveu as nuvens desta pesquisa.

Este Trabalho é sobre pessoas, sobre os corpos, sobre as mentes, sobre as experiências, ou melhor, as encruzilhadas da negritude no Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba e, portanto, necessita e se faz poético, científico e didático. Em suma, negro.

⁹ Publicado pela Marvel Comics, o primeiro super-herói negro da história dos quadrinhos a ganhar destaque surgiu em julho de 1966, na edição nº52 da revista do Quarteto Fantástico em meio às tramas políticas e sociais nos Estados Unidos promovidas na luta pelos direitos civis e pelo fim das leis de segregação racial, além da referência ao grupo dos Panteras Negras. Assinado por Stan Lee e Jack Kirby, o rei T'Challa surge para apresentar uma nova imagem de negritude e africanidade, ao passo que destoa dos estereótipos da época ao apresentar-se como o rei da nação mais tecnológica do mundo, além de trazer iconografias mixadas de culturas africanas e dos negros norte-americanos, gerando um impacto visual ao reino de Wakanda que perdura nas adaptações e reedições da personagem até os dias atuais.

¹⁰ Sam Wilson, o primeiro super-herói negro não africano das revistas, alçou voo pela primeira vez em 1969, na revista nº117 do Capitão América, debutando como adversário e, logo depois, firmando uma parceria icônica ao lado do protagonista. Com a autoria de Stan Lee e Gene Colan, o herói da Marvel Comics foi pioneiro em tratar de questões mais humanas e pessoais de pessoas negras, uma vez que sua raiz familiar e seu desenvolvimento pessoal passava-se em solo americano, remetendo a dilemas do dia a dia que um negro norte-americano se deparava. O Falcão ainda herdou o manto de seu maior parceiro na revista *Capitão América: Sam Wilson* de 2015, saga responsável por criticar a aceitação, ou melhor, a não aceitação de uma personalidade negra que carregasse as cores dos Estados Unidos, renovando o dilema de que o Capitão América defende os ideais de um país impossível, uma vez que Steve Rogers representava, por ter sido congelado e despertado anos ao futuro, um país passado, e seu sucessor, Sam Wilson, representava a negritude num país estruturalmente racista.

¹¹ Em 1975 a personagem *Tempestade* chegava às bancas na revista *Giant-Size X-Men* nº1 da editora Marvel Comics. Ororo, fruto das mentes de Len Wein e Dave Cockrum, compunha uma equipe auxiliar dos *X-Men*, grupo que, tanto em sua composição quanto proposta, abarca metáforas de problemas sociais desde sua origem, visto que tanto seu líder (Charles Xavier), quanto seu principal antagonista (Erik Magnus Lehnsherr) são alegorias a, respectivamente, Martin Luther King Jr e Malcolm X. Nessa toada, a imponente figura Tempestade gradativamente foi ganhando relevância nas histórias e no imaginário popular dos leitores e, eventualmente, nos consumidores das adaptações a outras mídias, pois a representatividade que atravessa esta super-heroína filha de um fotógrafo norte-americano e de uma princesa africana equivale-se ao seu nível de poder climático e a sua sabedoria adquirida por anos de luta e resistência à opressão.

2 PANTERA NEGRA

O ritual de transformação em Pantera Negra envolve o consumo de uma erva chamada erva-coração, responsável por ampliar as suas capacidades físicas a níveis sobre-humanos, não obstante após o consumo do insumo preparado da erva, o corpo é levado a uma breve hibernação, enquanto a alma vai ao encontro do reino de seus ancestrais, num plano astral. Neste plano, a figura que busca tornar-se um ou uma Pantera Negra é confrontada pela sabedoria de algum de seus antepassados, visando possibilitar ou vetar a honra, os privilégios e o dever do título, tendo que o ou a viajante demonstrar uma aptidão igual ou maior a esperada para lidar com o desafio apresentado.

Ao traçar um paralelo entre esse ritual e o processo de construção e execução desta pesquisa, destaca-se a ótica e a base predecessora de teorias responsáveis por sulevar as escritas e as leituras deste trabalho, provindo principalmente das pesquisas e atuações de duas mulheres negras, Evani Tavares Lima e Nilma Lino Gomes, as quais terão destacadas em subcapítulos as colaborações e os recortes de suas trajetórias que confluem na encruzilhada teórica que formula a lente desta pesquisa.

Para além, alguns outros autores e algumas outras autoras comportam conteúdos importantes na concepção desta lente: Augusto Pinto Boal; Azoilda Loretto da Trindade; Conceição Evaristo; Tomaz Tadeu da Silva; Victor Hugo Neves de Oliveira.

Augusto Pinto Boal, mais conhecido por seu último sobrenome, faleceu em maio de 2009. Foi um dramaturgo, diretor de teatro e ensaísta brasileiro responsável pelo desenvolvimento do “Teatro do Oprimido”, manifestação cênica que alia o teatro à ação social. Esse aspecto social, em Boal (1991), torna-se presente em suas técnicas e práticas, podendo ser reconhecido na afirmação de que **todo teatro é necessariamente político**. Além das possibilidades educativas, torna-se complementar a uma visão que engloba a construção de uma base teatral ao olhar do ensino dessa linguagem da arte como uma possibilidade de expressão e reflexão identitária.

A professora universitária Azoilda Loretto da Trindade, doutora em Comunicação pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e mestra em Educação pelo Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas (IESAE/FGV), agrega através do seu trabalho sobre os valores afro presentes (ou ausentes) na educação básica brasileira. Portanto, respalda o olhar sobre os currículos e as experiências educacionais vividas pelos e pelas discentes do DAC/UFPB com uma perspectiva para a futura atuação de licenciandos e

licenciandas, além de trazer conceitos válidos para a vivência educacional desses e dessas também enquanto educandos e educandas de ensino superior, pois percebe-se a necessidade de considerar, num currículo brasileiro, as existências civilizatórias, sociais e culturais negras ao compreender que “os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil” (Trindade, 2005, p. 30).

Em perspectiva, a poeta e escritora Conceição Evaristo, graduada em Letras pela UFRJ, mestra em Literatura Brasileira pela PUC (Pontifícia Universidade Católica) e doutora em Literatura Comparada pela UFF (Universidade Federal Fluminense), é responsável pelo conceito de *escrevivência*¹², o qual “traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana” (Evaristo, 2020 *apud* Duarte & Nunes, 2020, p. 30).

Logo, para transpor a narrativa dos e das estudantes, negros e negras, participantes da pesquisa, ter estabelecida uma técnica de compreensão de experiência negra enaltece a relevância dos dados e pluraliza a análise dos mesmos, ao passo que incumbe algo além da documentação precisa da fala, mas possibilidades interpretativas sobre o fato narrado, desembocando num diálogo indubitável com as experiências cênicas desses e dessas participantes.

Avante, para avaliar a experiência discente no que tange o aporte dos currículos dos cursos, destaca-se Tomaz Tadeu da Silva, o qual é graduado em Matemática pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), mestre em Educação também pela UFRGS, doutor e pós-doutor em International Development Education por Stanford University. Tomaz dedicou-se aos estudos de teorias de currículos, possuindo a autoria do livro “Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo” e sendo um expoente nacional no assunto. Por isso, situa-se como referencial indispensável no processo de verificação das experiências negras dentro dos cursos do Departamento de Artes Cênicas da UFPB com as propostas negras existentes ou inexistentes no currículo, o qual o próprio autor descreve como “texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade” (Silva, 1999, p. 150).

Ademais, há de se fulgir o artista e pesquisador das Artes da Cena Victor Hugo Neves de Oliveira, pós-doutor em Cultura e Artes no Programa Eixos Temáticos do Instituto de Estudos Avançados da USP (Universidade de São Paulo), doutor em Ciências Sociais pela UFRJ com estágio doutoral em Antropologia da Dança pela Université Paris-Nanterre, mestre

¹²Uma das definições percebidas é que *escrevivência* é a “escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (Oliveira, 2018, *apud* Fonseca, 2020, p. 64).

em Ciência da Arte pela UFF e Bacharel em Dança pela UFRJ. Desde 2013 atuando como professor do Departamento de Artes Cênicas da UFPB, Oliveira destaca a negritude e a resistência negra em seus projetos, sendo um exemplo o grupo de pesquisa que lidera, Cena Preta - Quilombo, responsável por promover pesquisa e ação antirracista por parte de seus integrantes e suas integrantes. Por demarcar um espaço seguro e de luta negra, tanto no DAC/UFPB quanto em suas ações em outras localidades, Oliveira faz jus a sua proposição de que há uma “necessidade urgente de valorização da presença preta nos mais variados segmentos que compõem a sociedade brasileira” (Oliveira, 2021, p. 35), compondo a docência e o ensino docente (enquanto professor de licenciandos) com referências, didáticas e propostas negras, sendo necessário a este Trabalho tanto pelos pontos destacados de demarcação de território e resistência quanto por corroborar e aflorar sentido à ideia de que:

as universidades brasileiras têm assegurado a preservação de mecanismos reguladores das assimetrias sociais e das desigualdades raciais, tanto por meio das práticas de ensino, quanto por meio das ações de pesquisa e extensão (Oliveira, 2023, p. 3).

2.1 Evani Tavares Lima

A professora-artista e pesquisadora da Cena, docente da área de Artes da UFSB (Universidade Federal do Sul da Bahia), além de ser bacharel em Artes Cênicas - Interpretação Teatral pela UFBA (Universidade Federal da Bahia), mestra em Artes Cênicas também pela UFBA e doutora em Artes pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), é escritora e desenvolvedora de olhares sobre os teatros negros e suas características singulares, tornando-se potência e referência por estas características.

Os formatos de teatros negros apresentados por Lima (*apud* Oliveira, 2021) são classificados através de três categorias: i) performance negra; ii) teatro de presença negra; iii) teatro engajado negro.

A primeira categoria é percebida como sendo:

das brincadeiras (terno de reis, capoeira, bumba meu boi, maculelê, entre outras); das expressões religiosas (congadas e rituais das religiões de matriz africana), em síntese, das formas espetaculares propriamente ditas (Lima, 2011, p. 83).

A segunda, por sua vez, é percebida nas expressões que abarcam elencos de maioria negra ou mesmo “feitas para serem vistas por um público de expressão negra” (Lima, 2011, p. 83), no entanto não exercem esses elementos “de modo direto e objetivo” (Oliveira, 2021, p. 44).

Por fim, a terceira categoria, “o teatro engajado negro”, diz de “um teatro de militância, de postura, assumidamente, política” (Lima, 2011, p. 83), sendo “um espaço de arte crítica, política e insubordinada que se manifesta diante das questões raciais” (Oliveira, 2021, p. 44), espaço esse que, portanto, visa discutir o meio social que se posta o corpo negro, além de defender e afirmar “sua identidade e cultura” (Oliveira, 2021, p. 44).

O amparo nessas visões e categorias permite, logo, observar as narrativas das experiências cênicas negras com um horizonte suleado, em tom de não apenas situar o contato com os tipos de cenas negras presente na formação dos e das estudantes, mas indo adiante e permitindo compreensão acerca do grau deste contato. Para exemplificar, o já citado Teatro Experimental do Negro é percebido pela autora tal qual “a primeira proposta teatral do teatro negro engajado brasileiro” (Lima, 2011, p. 83).

Ademais, sua colaboração à encruzilhada teórica deste Trabalho se expande ao demarcar a potência estética das cenas negras, já que “o teatro e a dança negra têm muito a dizer e a problematizar com seus traçados contra-hegemônicos para a cena” (Lima, 2017, p. 108). Destarte, desenvolver pedagógica e cenicamente uma análise de experiências artísticas negras de graduação no DAC/UEPB busca concordância com a visão de que:

a realização artística de negrura estética torna explícito algo que não é novidade, mas que, às vezes, passa despercebido: a arte não é inocente! Sem uma postura crítica diante dos modelos absorvidos e veiculados, só se perpetua o que já está estabelecido. A arte negra orientada, nesse sentido, inscrevendo seu contradiscurso crítico e revisionista, traz disposição para desvelar a própria fala, criar e/ou reinventar discursos fundados na experiência negra (Lima, 2017, p. 108).

Por fim, Lima corrobora com a necessidade de se ter, ao olhar desta pesquisa, uma experiência cênica negra adjunta à trajetória da graduação nas Artes da Cena, pois cenas negras “além de lidar com as questões derivadas de sua condição política” confluem às afirmativas e justificativas de sua existência, sendo essa, “em condição de resistência, que justifica sua necessidade” (Lima, 2011, p. 84).

2.2 Nilma Lino Gomes

A pedagoga formada pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e ex-ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do Brasil é mestra em Educação também pela UFMG, doutora em Antropologia Social pela USP e pós-doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra e em Educação pela UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos). Expoente da luta antirracista e do movimento negro no Brasil, a autora do livro “O

Movimento Negro Educador”, nos apresenta nesta obra conceitos sobre o movimento negro e esmiúça suas possibilidades e capacidades educacionais, uma vez que se constroi como um produto de questões sociais e culturais, com enfoque no âmbito étnico-racial.

Ainda no que tange o conteúdo do livro citado, Gomes (2020) desenvolve uma pesquisa sociológica voltada a objetos sociais invisibilizados por uma sociedade avessa ao multiculturalismo que, porém, podem ou devem vir à tona num futuro onde se instaure uma pluralidade de ideias. É a partir desta perspectiva que a autora propõe a *pedagogia das ausências e das emergências* apresentada na introdução deste trabalho.

Essa proposta pedagógica indica a ação como sendo responsabilidade dos movimentos negros, não obstante o cerne das ideias levantadas pode ser aplicado tanto ao sistema da educação básica, quanto ao ensino superior, sendo essa última a interpretação utilizada por esta pesquisa.

Através dessa perspectiva, Nilma indica que apenas mudanças curriculares na educação básica não seriam suficientes para o trato com as questões étnico-raciais, uma vez que somente orientar professores e professoras a abordarem esses conteúdos sem capacitar esses e essas para tal faria com que apenas houvesse uma manutenção de racismos impregnados no sistema educacional brasileiro, devido a esse ser um produto histórico de poderes brancos ou embranquecidos.

Essa ideia conversa, portanto, com a situação de dois dos três cursos do DAC/UFPB que, por serem de licenciatura, formam professores e professoras responsáveis por seguir, para além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), a Lei 11.645/08, a qual atualiza a Lei 10.639/03 e altera o texto da LDB compelindo à educação básica o ensino da cultura africana, afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros.

A possibilidade do espaço da graduação nas Artes da Cena ser também um meio de instigar e, como proposta de Gomes (2020), *recodificar a emancipação sociorracial* através de práticas pedagógicas e de um currículo que considera enquanto conteúdo as manifestações artísticas e sociorraciais afro-brasileiras e africanas instaura uma reflexão quanto à efetiva implementação dessas didáticas e abordagens de ensino antirracistas.

Em suma, a leitura de Nilma Lino Gomes permite um aporte técnico de didáticas e pedagogias de arcabouço sociorracial para a percepção dos currículos dos cursos em contrapartida às experiências negras vivenciadas pelos e pelas estudantes.

Mentes moldam,

Pessoas inspiram,
Axé, guia

A ginga conduz
O corpo que reluz
Lua

Numa persistente
Travessia
A negra pele se via
Em meio a sua gente

O quilombo
Surge e urge
Nas contas
Nos dengos.

2.3 Encruzilhadas Metodológicas

Para que se possa aprofundar, portanto, no encontro das águas que conflui no que é esta pesquisa, torna-se indispensável, assim como no ritual de transformação em Pantera Negra, que as ideias daqueles e daquelas que vieram antes (aqui retratados como a base teórica) sejam remontadas, cruzadas e encaminhadas pelo seu caminhante, a ponto de descrever o horizonte de decisões e formas de se agir.

É chegada a hora de explicar como toda essa sabedoria ancestral encontrará concretude metodológica.

Princípio: *quem*. São os corpos negros e as corpos negras a razão da existência desta pesquisa. Entender, portanto, como suas trajetórias se deram e/ou se dão através dos cursos das Artes da Cena do departamento sede deste trabalho intui reconhecer o que é e o que foi **conquistado** pela negritude neste espaço assim como o que ainda lhe é **negado**. Eis o “o *quê*” desta encruzilhada metodológica.

Desta maneira, cabe-se o cargo de encontrar esses e essas estudantes para que compartilhem à pesquisa suas respectivas trajetórias. Então, suas falas serão traduzidas em

poemas escrevíveis, considerando os pontos recorrentes ao grupo, para que se possa transmitir a poesia de seus caminhos, becos e encruzilhadas.

Em vista de captar aqueles e aquelas que possuem mais propriedade e tempo de vivência negra no DAC/UFPB, local sede da pesquisa, listam-se os seguintes critérios: terem estado (em caso de egressos ou egressas) ou estarem matriculados para 50% ou mais de conclusão de seus respectivos cursos; se auto-declararem enquanto negros ou negras (pretos/pretas ou pardos/pardas); ser indicado ou indicada enquanto possível colaborador ou colaboradora ao tema da pesquisa por outro voluntário, outra voluntária ou ainda o pesquisador.

O primeiro critério desponta em classificar, em grau de tempo de experiência e contato com o DAC/UFPB e, conseqüentemente, o respectivo curso de cada participante. O segundo, por sua vez, contribui ao defender e pautar as informações obtidas na pesquisa como fruto dos corpos negros e das corpos negras, representando suas sensações e opiniões das trajetórias no Departamento. O terceiro critério, por fim, visa notar a relação que os e as participantes mantêm para com os negros e as negras presentes no corpo discente, visto histórico da luta negra e antirracista em políticas de aquilombamento¹³.

Prosseguindo, então, ao trabalhar uma metodologia qualitativa que supõe, segundo Lüdke e André (1986), o contato direto do pesquisador para com o ambiente e a situação a ser investigada, este trabalho incumbe-se de absorver as experiências relatadas através de uma fórmula encabeçada pelas técnicas de *grupo focal*.

Grupos focais, segundo Morgan (*apud* Gondim, 2003), competem uma técnica de pesquisa que coleta dados através de interações grupais ao se discutir um tópico específico sugerido pelo pesquisador. Não obstante, divergindo do que seria um entrevistador grupal, Gondim (2003) destaca o papel de um mediador de um grupo focal como sendo um facilitador do processo de discussão, entendendo e enfatizando os processos psicossociais que surgem. Enquanto uma entrevista em grupo destaca o indivíduo, o grupo focal destaca e refere-se ao grupo, sendo o coletivo que propõe e manifesta opiniões, ainda que divergentes entre os indivíduos que o compõem.

¹³Segundo Nascimento (*apud* Souto, 2020), aquilombamento trata do processo contínuo de resistência e embate cultural, agregação de comunidade com processos de reconhecimento da humanidade e preservação dos símbolos culturais do povo negro.

Logo, a abordagem se encaixa na proposta da pesquisa por permitir e necessitar de uma noção de coletividade, esta comum à cultura negra, ao movimento negro e às lutas antirracistas.

Para além, há, na execução deste Trabalho, um roteiro produzido pelo pesquisador com questionamentos/temas que instiga o debate e as explanações dentro do grupo focal em direção ao foco da pesquisa, constando no Apêndice A deste documento.

Esta pesquisa não é sobre um corpo negro ou uma corpa negra, mas sobre a negritude nesses, nessas, naqueles e naquelas que vieram antes e nos/nas que virão depois, através do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba.

Para dar, portanto, sentido de negritude ao método, aqui confluem Gomes e Lima, pois uma pauta o social, o coletivo e o didático da luta negra nos movimentos sociais, enquanto outra pauta o social, o coletivo e o estético da negritude na Cena.

Eis a encruzilhada desta pesquisa para perceber a existência Negra.

3 FALCÃO

Voar. Observar. Analisar. Atuar.

Procedimento padrão na ação diária tanto de um falcão do mundo animal, quanto do Falcão do mundo de super-heróis. A sagacidade em observar o alvo e definir tanto o método quanto o momento de agir sobre esse fez e faz de Sam Wilson o exímio estrategista que é. Contudo, outra característica é responsável por fazer deste herói alguém de destaque: ele se importa. Pode parecer óbvia, pois qualquer super-herói salva as pessoas por se importar, porém a personagem aqui destacada o faz com a propriedade de um homem negro, criado numa realidade financeira conturbada e num leito familiar de fortes laços entre os membros.

A realidade vista através de olhos negros traz consigo a carga de vivê-la. Por isso o Falcão tende a lidar mais com as opressões sociais e raciais do que a maioria de seus parceiros e parceiras de heroísmo.

Apesar dos poderes, Sam é humano. Além de humano, negro. Este, por sua vez, é o seu maior poder.

Este capítulo é dedicado a ambientar o DAC/UFPB, com olhar científico, poético e negro.

Figura 1 - Ambiente interno do Bloco C do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da UFPB, o Abacatão.



Fonte: Gouveia, 2022.

O Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba foi fundado no ano de 2004, especificando o espaço das linguagens da Arte pertencentes à Cena e substituindo, para tais, o antigo Departamento de Artes da UFPB¹⁴.

Os cursos de bacharelado em Teatro, licenciatura em Teatro e licenciatura em Dança foram fundados, no caso dos dois de Teatro, em 2006, enquanto o curso de Dança em 2013. Atualmente, contam com os mais recentes currículos ativos desde 2015, para os dois de Teatro, e desde 2018 o de Dança. Neste passo, compuseram-se o Projeto Político Pedagógico (PPP) de cada curso, sendo este documento responsável por definir os parâmetros e caminhos, propor objetivos, nortear os componentes curriculares e justificar os pormenores da existência de tal proposta curricular.

No que tange o recorte desta pesquisa, compete para o bacharelado em Teatro o compromisso de que os bacharéis em Teatro formados através do referente currículo, no exercer de sua profissão enquanto artistas da cena, estarão aptos a trabalhar “sempre em uma perspectiva ética, plural e respeitosa em relação ao teatro enquanto linguagem artística e a seu público” (UFPB, 2015, p. 4)¹⁵.

Em paralelo, o PPP do curso de licenciatura em Teatro (2015)¹⁶ assume que os egressos do curso teriam experienciado, de forma prática e teórica, os principais aspectos do processo artístico em Teatro, destacando o combate e a superação de preconceitos e hierarquias históricas para com o Teatro na educação, além de salientar que o licenciado deverá, em seu exercício profissional, valorizar os contextos sócio-culturais dos alunos no estabelecimento de processos pedagógicos significativos.

O curso de licenciatura em Dança, por sua vez, em seu PPP (2018)¹⁷, dispõe dentre os objetivos específicos o de oportunizar o aprendizado da dança universal e brasileira, focando

¹⁴ Universidade Federal da Paraíba. Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas. **Departamento de Artes Cênicas**. Disponível em: <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/departamento/portal.jsf?id=2612>. Acesso em: 27 ago. 2024.

¹⁵ Universidade Federal da Paraíba. Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução nº 07/2015**. Disponível em: https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/20201441168c6a214587480a3ba200c1e/Resoluo_N07_2015_Teatro_Bacharelado.pdf. Acesso em: 01 set. 2024.

¹⁶ Universidade Federal da Paraíba. Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução nº 08/2015**. Disponível em: https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/202009610170272145881256f1c10f9e8/Resoluo_N08_2015_Teatro.pdf. Acesso em: 01 set. 2024.

¹⁷ Universidade Federal da Paraíba. Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução nº 37/2018**. Disponível em: https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2020044025fec52129924c6ddb1603d8/Resoluo_N37_2018.pdf. Acesso em: 01 set. 2024.

na produção regional, propondo também que seus egressos estarão “capazes de integrar teoria e prática a partir de uma reflexão ética e crítica do papel social e artístico das diversas práticas de dança” (UFPB, 2018, p. 12).

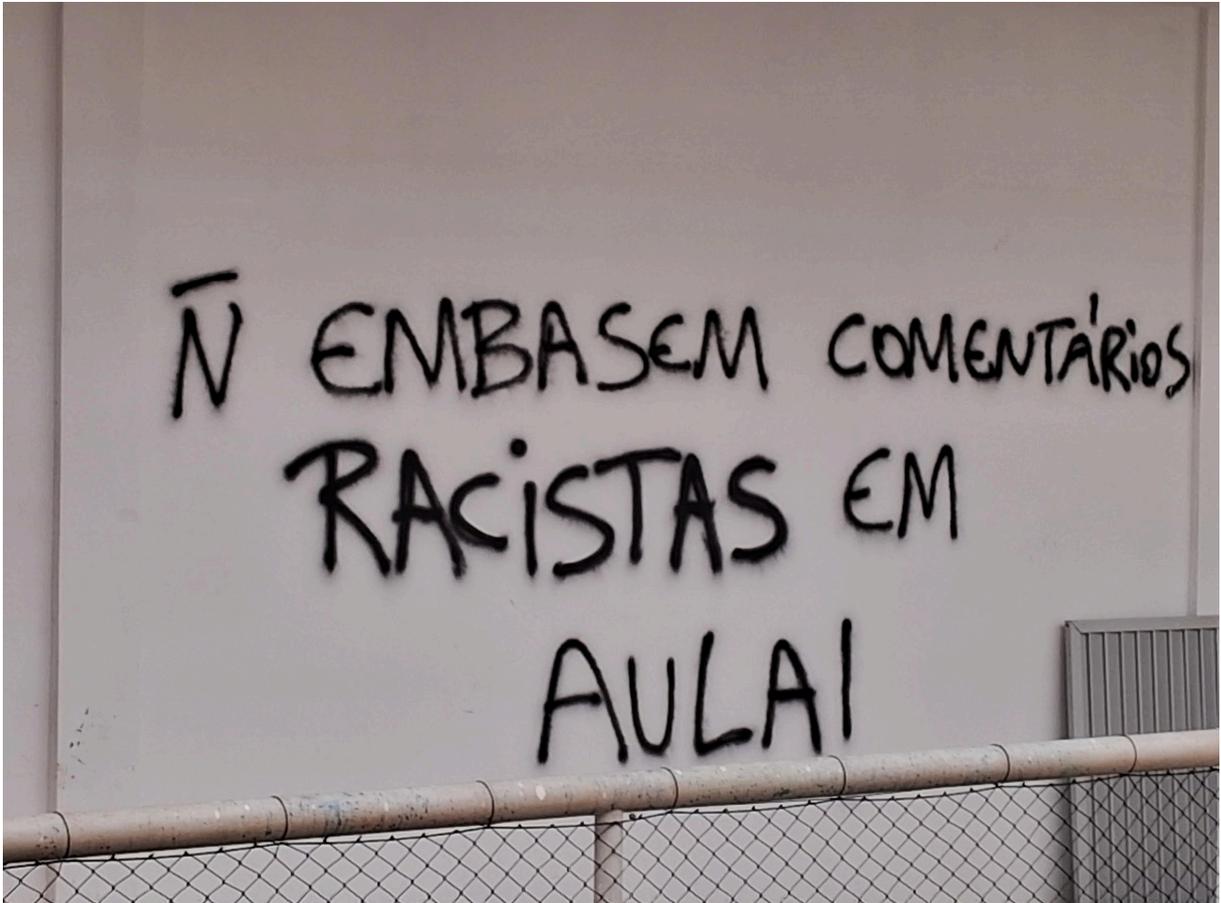
Os três cursos sediam suas aulas no Bloco C do Centro de Comunicação Turismo e Artes da UFPB (figura 1), carinhosamente apelidado de *Abacatão* devido a uma antiga pintura verde que o prédio possuía, eventualmente também contando com aulas em outros centros do Campus I para os cursos de licenciatura, devido ao gerenciamento dos componentes comuns da área de educação pertencer ao Centro de Educação da UFPB.

No atual período acadêmico, 2024.1, o corpo docente do DAC/UFPB conta com 22 professores e professoras, e 292 estudantes ativos, sendo 68 de bacharelado em Teatro, 100 de licenciatura em Teatro e 124 de licenciatura em Dança.

Adentrando o espaço físico, o *Abacatão* possui 15 salas, entre salas de aula tradicionais (2), salas de trabalho corporal (3), laboratório de experimentos com objetos de cena (1), laboratório permanente de figurino (1), laboratório de experimentos com objetos (1), laboratório de artes cênicas e educação (1), camarim (1), ambiente para docentes (1), ambiente para estudantes (1), laboratório de corpo sonoro e outras tecnologias (1), laboratório de anatomia (1) e estúdio de tv (1).

Ainda documenta-se uma pichação (figura 2), dentre as variadas manifestações estéticas que gravam as paredes do *Abacatão*, visto que, surgida em 2023, denunciava atos de racismo em aulas do Departamento, ocasionando ainda numa posterior convocatória do corpo discente e docente para debater o ocorrido.

Figura 2 - Pichação no ambiente interno do Bloco C do CCTA/UFPB, *Abacatão*.



Fonte: Imagem do autor, 2024.

Foi através das relações estabelecidas nesse ambiente que 15 estudantes foram contactados e contactadas por mim para serem os interlocutores e as interlocutoras a compor o grupo focal desta pesquisa, contudo apenas 7 puderam estar presentes no dia do encontro, sendo 3 de bacharelado em Teatro, 2 de licenciatura em Teatro e 2 de licenciatura em Dança. Relacionado ao número total de estudantes ativos, a pesquisa se faz com o equivalente aproximado a 2,4% do total de estudantes.

4 TEMPESTADE

Uma força da natureza. Tanto o evento climático, quanto a mulher negra Ororo e a heroína Tempestade.

Aquela que já foi rainha de Wakanda e líder dos *X-Men*, responsável por ensinar os mutantes escanteados pela sociedade na escola de Charles Xavier, torna-se a anunciadora de um capítulo potente, tal qual ela, por tratar das falas, dores, conquistas e reclames da negritude presentes no grupo de estudantes cantado neste Trabalho.

Os passos são lentos agrupamentos de pés batendo ao chão. Ressoam pelo espaço, ecoando o ritmo de mover-se. Neles o encontro avança, escreve e compõe sentido. Cada conjunto de poesia motora constrói cena e sentido.

Transcrever e analisar conhecimento das Artes da Cena pede transgressão, reformulação. Assim, portanto, seguindo o roteiro do encontro-Cena do grupo focal presente no Apêndice A deste documento, este capítulo se desdobra e percebe as vivências do grupo através de três eixos: Educação; Cena; Existência.

As falas individuais, unidas em poesia escritas pelo autor se fundem no sentido do coletivo.

Cada eixo, encruzilhada. Cada encruzilhada, poesia. Cada poesia, conhecimento.

4.1 Primeira Encruzilhada: Educação

O que passou?

Vento.

O que restou?

Pensamento.

Poucas lembranças

Podem mudanças

Hajam danças

Danças presentes

Cenas ausentes

Resistentes...

Existentes?

Revoltas mentes

Escutar o currículo acadêmico dos cursos das Artes da Cena do DAC/UFPB através das narrativas de pessoas negras que trilharam seus percursos permite assimilar a falta de histórias a se contar.

Porém, se destaca a resistência presente em pontuais experiências e aprendizados. O grupo, então, declara e declama com orgulho os momentos em que componentes curriculares permitiram contato com referências da negritude.

Danças Populares
E Tradições Brasileiras
Permitiram-me
Bailar nos ares
E me encontrar
Em todo e em partes

Uma nota a se escutar é de que o curso de Dança potencializa exponencialmente o contato de seus estudantes e de suas estudantes com as referências da negritude, quando comparado a ambos cursos de Teatro (Licenciatura e Bacharelado).

Quando dias
Ouvimos Abdias
Quando noites
Que te afoites

A busca incessante por um coletivo representativo é incólume à Cena, porém esta transmitida pelos cursos de Teatro faz-se quase em todo branco, ou seja, monocolor. Colorir o conhecimento, por sua vez, é papel da Arte tanto quanto permitir pensá-lo e manejá-lo. Não obstante os singelos toques do pincel numa aquarela negra impactam a visual obra cênica que caminha em conjunto ao vivido pelos corpos e corpos.

Aprender
Teatro Preto
Dramaturgia Preta
Trouxe a ver
Um direito
Que tanto se veta

O espaço alternativo da graduação, entendido como encontros acadêmicos (fóruns, palestras e afins), componentes optativos, ambientes de pesquisa e extensão, por sua vez, foi o destaque em declamada potência de aprendizado e contato com referências negras. É como se a negritude buscasse e encontrasse quilombos acadêmicos para existir e resistir.

Um mais Uma
Professor e Professora
Autor e Autora
Minoria transformadora

Dentre os docentes e as docentes, são dois os mais citados e proclamados, negro e negra, enquanto quem mais traz consigo o estudo e a prática de teorias negras, a professora Valéria Vicente e o professor Victor Oliveira. Não só este e esta são a negritude em corpo no que tange os e as docentes do Departamento, pois esta compete a 10 de 22 corpos e corpos (45,45%). Não obstante, o grupo enaltece o destacado e a destacada com maior veemência, como sendo em ensino o que seus e suas colegas eventualmente ignoram, ou ainda atacam.

Nós que com dandê
Temperamos estes becos
Sejamos por você
Ouvidas e Ouvidos

O eco unísono de um grupo de negros e negras projeta no espaço o clamor para que aqueles e aquelas que existiram e resistiram neste cenário sejam as referências transformadoras do pensamento, do movimento e da Cena dos currículos dos três cursos.

É necessário, portanto, entender que mesmo aos cursos de licenciatura que obrigatoriamente exigem o ensino do componente “Educação das Relações Étnico-Raciais”, este torna-se citação longínqua na mente de negros e negras que clamam a negritude em sua Arte, em sua Cena. A falta de contato curricular com referências não eurocêtricas corrobora ainda a sensação de não saber o que se perde, embora o sentimento de perda permaneça.

4.2 Segunda Encruzilhada: Cena

Fazer, ver
Produzir minha
Identidade

Meus grupos
 Quebram buracos
 Colam recortes
 Atuam fortes

Ler e assistir
 Axé
 Onisajé
 Poder ouvir

Células afro
 Do ser vivo

A construção histórica em torno das Cenas Negras se encontram e afluam a partir do coletivo experienciado pelo grupo. Em maioria, as visões e observações se declaram a respeito de obras produzidas por corpos e corpas, negros e negras, que em brechas oportunas ou instigadas, fizeram acontecer frutos cênicos empoderados.

Textos como “Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã” de Jhonny Salaberg e “Viva o povo brasileiro” de João Ubaldo Ribeiro são citados como origens de Cenas que tocaram a ancestralidade negra ao serem apreciados.

Dançar
 Atuar
 Ao vivo
 Viver e Lutar

Enaltecimentos introspectivos e expansivos sobre as conquistas que se alcançam ao experienciar a negritude em Cena foi o que mais pôde ser absorvido. O entendimento de que as revoluções e transgressões no espaço hegemônico são louvadas permite assimilar a dificuldade que é encontrar Cenas Negras neste ambiente.

Em duas ou três oportunidades de construção cênica, durante suas trajetórias nos cursos, foi a quantia que o grupo proclamou ter encontrado a negritude crítica e política, mesmo que em mais oportunidades, sempre presentes corpos negros e corpas negras em cena enquanto atores, atrizes, dançarinos e dançarinas.

Brinquedos populares, por sua vez, foram pouco citados, porém ainda lembrados de terem tido contato.

As três perspectivas de teatros negros de Evani Tavares Lima se fizeram presentes na trajetória deste grupo focal, ainda que sem esta conceitualização obrigatoriamente entendida pelo mesmo.

A rosa
Branca
Hétero
A bicha
Preta
Dança

Ademais, as manifestações cênicas de autoria e/ou envolvimento dos e das discentes têm raros diálogos entre a negritude e os corpos e corpos que não a compõem. Apesar de se ter, num geral, esses e essas envolvidos e envolvidas nos processos cênicos e didáticos dos cursos, o espaço de reconhecer e afirmar estéticas e pautas negras é restrito aos corpos e às corpos que possuem local de fala para tal, o que é visto pelo grupo como sendo eventualmente positivo por se ouvir mais que em outros ambientes, mas também negativo ao passo que transmite o peso de que, recorrentemente, o negro ou a negra presente na discussão e/ou processo é responsável por educar os demais sobre racialidade.

É como se a branquitude do Departamento esperasse um monólogo transformador que fosse capaz de destruir as estruturas racistas presentes e cessasse os incômodos reclames dos aquilombados e aquilombadas estudantes.

Nesta interna e departamental luta antirracista, quantos cúmplices por omissão?

Apenas uma vivência cênica, dentre as relatadas, tinha em sua proposta um diálogo e uma estética que desenvolviam sentido e problematizações raciais tendo como figura relevante do processo uma corpa branca.

Eis o indício de que existimos, resistimos e produzimos no DAC/UFPB, mas que impera uma falta de diálogo compreensivo por parte do restante dos e das discentes e docentes, essa ausência impactando negativamente possíveis e necessárias mudanças.

4.3 Terceira Encruzilhada: Existência

Dor

Sangue
Suor

Algum
Afago
Ironia
Ouvia

Encontros
Quilombos

Um corpo que ocupa um lugar ao qual o sistema não percebe seu, é constantemente lembrado de que deve sair, independente do meio através do qual esta mensagem é entregue. No corpo humano, por exemplo, um organismo estranho é rechaçado pelo sistema imunológico. No corpo do Departamento de Artes Cênicas da UFPB, por sua vez, negros e negras são lidos e lidas como alguém a se escantear, satirizar ou ainda ignorar. Ao menos, esta é a sensação do grupo focal.

Escancara-se, então, a raiz racista de um país que grita ao mundo “democracia racial”. A política da Cena, quando necessária, ausenta-se da maioria de quem fala. Silencia-se quem precisa e pode agregar em prol de ouvir as agressões que tendem a agradar o estrutural racismo que permeia o ambiente.

Que tipo de cursos de Artes da Cena são esses?

Quem reclama
É jogado à lama

A pessoa negra que reclama seus direitos, pelo relatado e discutido, é vista pelo corpo do Departamento como alguém ruim, remetendo ao histórico estereótipo racista relacionado a essas pessoas. A dor de ser visto como desprezível apenas por prezar o seu e os seus não pode ser mensurada, mas é aqui registrada. Além disso, quem de nós tem força para enfrentar, também aqui, por este grupo e Trabalho, é enaltecido e enaltecida.

Não há
Diálogo
Só
Monólogo

O grupo entende que situações como a expressa na figura 2, presente no capítulo II, são conduzidas habilmente a estradas que levam o ocorrido para longe de seu sentido original. Nessa situação, por exemplo, na qual houve uma denúncia de racismo originada por piadas racistas que geraram risos não apenas dos e das estudantes presentes numa aula e que se fez gravada nas paredes do ambiente que deveria acolher os corpos e as corpas (instrumentos intrínsecos das Artes da Cena) na produção e compartilhamento de conhecimento, a posição e a ação do Departamento foi a de convocar uma reunião com os e as discentes para repreender o anônimo pichador ou a anônima pichadora por desvalorizar o patrimônio da tinta branca na parede do prédio, ao invés de se debater a dor sentida que se manifestou no picho. A sensação de revelia promoveu uma inefetividade de absorver o discurso, repetido quatro vezes pela então chefe do departamento Valéria Vicente, que comunicava não ser do desejo departamento atuar de forma racista (informação verbal)¹⁸.

O silêncio institucional e departamental sentido pelo grupo quanto às violências vividas machuca tal qual as próprias violências. Quando não, é devido a um negro som que se faz audível em proclamar as questões da negritude, seja numa dança, numa interpretação ou numa pedagogia.

Ter
O menor
Dos males
Ainda fazes
Com horror
Viver

As Artes da Cena, propositoras desses cursos aqui tratados, por sua vez, ainda permitem a política, a resistência, a existência, a poética e a negritude como não se é permitido em ambientes externos. Enquanto outras instituições promovem racismos entendidos pelo grupo como dos mais graves, o ambiente do DAC/UFPB perpetua violências mais possíveis de se conviver.

Embora não se possa mensurar as diferentes manifestações do racismo e como essas afetam os corpos negros e as corpas negras, é concebida a percepção de que o Abacatão abriga espaço para esses e essas graduarem-se, mesmo que pouco, com referências, Cenas, conhecimentos e grupos da negritude.

¹⁸ Fala da professora Ana Valéria Ramos Vicente na defesa deste TCC, em 4 nov. 2024.

Não apenas de opressões vive este Departamento de Artes Cênicas.

Meus amigos
Minhas amigas
Meus pretos
Minhas pretas
Meu quilombo

Os encontros possibilitados pelo espaço do Departamento produzem quilombos que perduram e lutam, se afirmam e resistem em existir, prosseguindo dia a dia a compor o verso de que “vai ter preto na facul com mestrado e doutorado” (Martins, 2021), enquanto seus semelhantes e suas semelhantes (grupo focal), em uníssono, declamam que a melhor mudança para este Departamento de Artes Cênicas seja estudar e recordar os negros conhecimentos de seus formandos e suas formandas de outrora, os quais e as quais tenham desenvolvido suas existências revolucionárias e poéticas, capazes de infundir ao currículo e à trajetória dos cursos uma didática e uma vivência que conflua ao respeito e aos ideais antirracistas.

As brechas, os becos e as encruzilhadas encontradas por esses quilombos, então, transbordam a negritude cênica que estimula e persiste em escoar pelos cursos de Artes da Cena da UFPB, sejam com apoio docente, seja com a potência transformadora da atividade discente. Potência essa entendida e difundida nos vibrantes raios da rainha Tempestade tanto quanto nas palavras fervorosas de uma poesia encontrada nas paredes do prédio que tanto tentar se moldar a acolher, quando denuncia e anuncia o desprazer. A poesia abaixo, na figura 3, é uma dentre algumas transgressões poéticas e estéticas que a negritude gravou na fisicalidade do espaço do DAC, escolhida para representar os signos e os significados de uma existência plural que persiste no ato e no caminho trilhado por esses corpos e essas corpos devido ao apego deste poeta-pesquisador pelo poder das palavras dessa nossa língua portuguesa abasileirada.

Figura 3 - Poesia numa parede interna do Bloco C do CCTA/UFPB, *Abacatão*.



Fonte: Imagem do autor, 2024.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao viver esse Trabalho de Conclusão de Curso, deparei-me com mais perguntas que a originária desta pesquisa. Contudo, creio tê-la respondido.

Existem violências veladas e escancaradas para com os corpos negros e as corpos negras neste Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba. Os processos cênicos e os processos didáticos são, em sua maioria, racistas de algum modo, principalmente pela ausência de referências negras no caminho curricular das graduações.

Entretanto, ao trilhar o caminho da pesquisa, em contato ao grupo focal, pude perceber algo mais valioso que a constatação do racismo: corpos negros e corpos negras existem neste Departamento.

A possível obviedade da afirmação é rebatida ao compreender que existir, enquanto negro ou negra, é resistir. É encontrar quilombos de duas amigas que se apoiam e se escutam. É assistir ou fazer uma montagem de estágio que vai ter aquele corpo ou aquela corpa que se faz e refaz em Arte e em Cena tanto quanto em política e em antirracismo.

O poder presente numa roda de pessoas negras que se reúnem para dissertar sobre suas trajetórias não é, não foi e creio que nunca será espaço de lamúrias, ou ao menos não apenas tal. Encontrar-se consigo e com semelhantes é mais potente do que pode ser transcrito, embora o façamos em Cena estética e poética.

Este é o sentido da existência deste Trabalho. Demarcar, reproduzir e agradecer a experiência negra nesse Departamento. Esta é a minha forma de provar existência e resistência na luta antirracista enquanto professor-artista da Cena Negra.

A escolha de me colocar na posição de escrever e pesquisar algo que me foi e ainda é negado situa o início de novas possíveis perspectivas ao horizonte. O seguinte passo nesse trajeto de escolhas, então, pode ser levar as técnicas de poesias escritas para outras circunstâncias de resistência e existência de corpos negros e de corpos negras, construindo Cena a partir dessas, processando e desenvolvendo pedagogias através das percepções alcançadas ou mesmo explorando as narrativas colhidas por si só.

O que não posso, contudo, é deixar de acreditar que tanto as Artes da Cena quanto a Educação devem se aliar na luta que escolho travar todos os dias, mesmo que apenas por existir, como tantos outros e tantas outras de minha origem.

Vislumbrar cada alvorada permite celebrar cada crepúsculo anterior. Cada um que um dia existiu, é alguém que hoje resiste.

Assino, portanto, esta carta de amor à negritude vivente, que se foi e que virá do DAC/UFPB, com esperança de que os erros percebidos diminuam e que nossas potências se sobressaiam mais a cada instante dessas graduações. Que as Artes da Cena aqui ensinadas permeiem a afirmação de que “minha pele é linguagem” e reconheçam que “a leitura é toda sua” (Matumbi, Portugal, 2003).

REFERÊNCIAS

ALEGRIA da Cidade. Compositor: Lazzo Matumbi e Jorge Portugal. Intérprete: Margareth Menezes. Salvador: Estrela do Mar, 2003. Disponível em:

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/5DZjrb8UHjc85pqmbVrZUH?si=0e5110b9bfd04ad0>.

Acesso em: 10 out. 2024.

BELANDI, Caio; GOMES, Irene: Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. [S. l.]: **Agência IBGE**, Rio de Janeiro: 22 dez. 2023. Disponível em:

[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Desde%201991%2C%20esse%20contingente%20n%C3%A3o,amarelas%20\(0%2C4%25\)](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Desde%201991%2C%20esse%20contingente%20n%C3%A3o,amarelas%20(0%2C4%25)). Acesso em: 19 abr. 2024.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BRASIL. **Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 03 set. 2024.

COZINHA: A origem e a trajetória de Sam Wilson, o Falcão da Marvel. **OMELETE**, São Paulo, 16 mar. 2021. Disponível em:

<https://www.omelete.com.br/marvel-cinema/falcao-marvel-origem-trajetoria-omeletv>. Acesso em: 03 set. 2024.

DALBETO, L. do C.; OLIVEIRA, A. P. Como uma Deusa: considerações acerca da representação da mulher negra nas HQs de superaventura. **Intexto**, Porto Alegre, n. 35, p. 97–118, 2016. DOI: 10.19132/1807-8583201635.97-118. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/54934>. Acesso em: 20 ago. 2024.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em:

<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2024.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. 6ª ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2020.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 12, n.24, p. 149-161, 2003.

GOUVEIA, Angélica. Ambiente interno do Abacatão. **Instagram**, 13 ago. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ChNI41sOyTO/>. Acesso em: 03 set. 2024.

LIMA, Evani Tavares. Poéticas e processos criativos em artes cênicas: algumas notas a respeito da inscrita negra na cena. **Repertório**, Salvador, ano 20, n. 29, p. 105-119, 2017.2. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/25461>. Acesso em: 19 ago. 2024.

LIMA, Evani Tavares. Teatro negro, existência por resistência: problemáticas de um teatro brasileiro. **Repertório**, Salvador, ano 14, n. 17, p. 82-88, 2011.2. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/5665/1/5729-15715-1-PB%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2024.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NASCIMENTO, Abdias do. **Dramas para negros e prologo para brancos: Antologia de teatro negro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961.

OLHA pra Cor da Minha Pele. Compositor: Walber Martins. Intérprete: Walber Martins. João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1f03dWdJEqzRp3Kh75vfGC?si=7ca2b158de1d4767>. Acesso em 10 out. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. “Batuque na cozinha, sinhá não quer”: em defesa do conceito de teatro preto. **MORINGA - Artes do Espetáculo**, [S.I.], v. 12, n. 1, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.2177-8841.2021v12n1.59994. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/view/59994>. Acesso em 03 set. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. “E CANTE UM SAMBA NA UNIVERSIDADE”: Corporalidades marginais e práticas antirracistas na pesquisa em dança. **Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 01–18, 2023. DOI: 10.14393/issn2358-3703.v10n2a2022-01. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/64969>. Acesso em: 22 ago. 2024.

OS HERÓIS NEGROS dos quadrinhos: Silvio Responde [por] Silvio de Almeida. [S. l.: s. n], 2021. 1 vídeo (23:01min). Publicado pelo canal de Silvio Almeida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OILAEWzEHeg&t=717s>. Acesso em: 03 set. 2024.

REIS, Heverton Luís Barros. O Teatro Afrodiaspórico e Ritualístico do Núcleo Afro-Brasileiro de Teatro de Alagoinhas (NATA). **Dossiê Poéticas Políticas Afrodiaspóricas: abordagens interdisciplinares**, João Pessoa, v. 1, p. 90-110, 12 jun. 2021.

SILVA, Joelson Pereira da. **Pisada do coração**: ensino dos mestres de Cavalo Marinho das cidades de Pedras de Fogo e Itambé (PB/PE). 2020. 81 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18008/1/JPS27082020.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SOUTO, Stéfane. “Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea”. **Revista Metamorfose**. Salvador, v. 4, n. 4, p. 133-144, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/metamorfose/article/view/34426/21352>. Acesso em: 11 nov. 2024.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. **Programa Salto para o Futuro**. Brasília, v. 22, p. 30-36, nov. 2005. Disponível em: <https://culturamess.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/01/valoresafrobrasileiros.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2024.

APÊNDICE A - ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

Roteiro de Execução - Encontro do Grupo Focal

Dados de identificação

Título do Projeto: “MINHA PELE É LINGUAGEM”: Cena, educação e existência Negra no Departamento de Artes Cênicas da UFPB

Pesquisador Responsável: Pedro Machado Soares da Silva

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal da Paraíba

1. Apresentar um panorama da pesquisa e orientações sobre o encontro.
 - a. Tema, objetivos, justificativas.
2. Pedir a cada voluntário e voluntária que se apresente, através de uma auto-descrição, incluso curso que tem relação no Departamento.
3. Começar a levantar questões:
 - a. Educação
 - i. Durante as suas trajetórias nos cursos, em quantas oportunidades esteve em contato, nos componentes curriculares (se possível citar quais), com referenciais e/ou assuntos da negritude?
 - ii. Sentiu falta de alguma referência ou abordagem negra ao longo da sua graduação? Quais referências que você tem poderiam ajudar seu curso e como?
 - b. Cena
 - i. Durante seu período aqui no DAC, você experienciou Cenas Negras, seja por composição de elenco, estética ou pano de fundo político? Através de componentes curriculares, grupos criados por estudantes ou espetáculos externos à UFPB?
 - ii. E você, enquanto artista, já esteve envolvido em alguma proposta cênica que abordasse temas da negritude dentro do DAC? E fora? Pode falar um pouco mais sobre?
 - c. Existência
 - i. O espaço do DAC, físico e social, vocês consideram como acolhedor ao corpo negro ou à corpa negra? Por quê?
 - ii. Nós tivemos em 2023, ano passado, o surgimento de algumas pichações no abacatão, sede dos cursos da Cena da UFPB, dentre elas, uma que dizia “não embasem comentários racistas em aula”. Já presenciaram tais incidentes ou eventos parecidos em aula?
 - iii. Na sua trajetória dentro do Departamento, algum episódio lhe vem à mente sobre questionamentos do papel e da necessidade da negritude e de referências negras nas Artes da Cena?
 - iv. Caso ache necessário, se você pudesse mudar algo no Departamento, de currículo a estrutura, de metodologias de ensino à propostas cênicas, para que os próximos e as próximas estudantes tenham uma melhor experiência cênica e didática no que diz da negritude, o que seria?